

O PAPEL DOS ESTILOS PARENTAIS E DA PERSONALIDADE NA CONSTRUÇÃO DO PROCESSO RESILIENTE DE ADOLESCENTES E JOVENS ADULTOS

Catarina Pinheiro Mota¹ (<https://orcid.org/0000-0003-1814-7425>)

Sara Ferreira²

Correspondência:
Catarina Pinheiro Mota;
catppmota@utad.pt

Fomento: Parcialmente
financiado pelo Centro de
Psicologia da
Universidade do Porto -
FCT (UIDB/00050/2020)

Como citar: Mota, C.P.
& Ferreira, S. (2023).
O papel dos estilos
parentais e da
personalidade na
construção do processo
resiliente de
adolescentes e jovens
adultos. *Arquivos
Brasileiros de
Psicologia*, 75, e003.
<https://doi.org/10.36482/abp.v75i1.19397>

¹ Departamento de Educação e Psicologia, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), Quinta de Prados, 5000-801 Vila Real, Portugal; Centro de Psicologia da Universidade do Porto (CPUP), R. Alfredo Allen, 4200-135 Porto, Portugal.
catppmota@utad.pt

² Departamento de Educação e Psicologia, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), Quinta de Prados, 5000-801 Vila Real, Portugal. SaraDuarteF@hotmail.com



Informações do Artigo:

Recebido em: 09/11/2019

Aceito em: 29/06/2022

RESUMO

As vivências experienciadas com as figuras significativas e as características do indivíduo poderão contribuir como fatores protetores ou de risco para o seu ajustamento psicossocial. O presente estudo pretendeu analisar o papel preditor dos estilos parentais e da personalidade no processo resiliente dos jovens, testando ainda o papel moderador da personalidade. A amostra incluiu 1976 jovens com idades entre os 14 e os 25 anos. Os resultados apontam que os estilos parentais e a personalidade têm um papel preditor na construção do processo resiliente. Verificou-se que a abertura à experiência assume um papel moderador na associação entre o estilo parental autoritário do pai e a resiliência. Por sua vez, a conscienciosidade tem um papel moderador na associação entre o estilo parental permissivo e a resiliência.

PALAVRAS-CHAVE:

Estilos parentais; personalidade; resiliência; adolescência; jovens adultos.

ABSTRACT

The experiences with significant figures of affection and individual characteristics can contribute as protective or risk factors for psychosocial adjustment. This study aimed to test the predictor role of parenting styles and personality in the construction of the resilient process of young people. It is also expected to analyze the moderating role of personality. The sample included 1976 young, aged between 14 and 25 years. The results show that parenting styles and personality predict the construction of the resilient process. It was also found that openness to experience plays a moderating role in the association between authoritative parenting style of father and resilience. In turn, the conscientiousness has a moderating role in the association between permissive parenting style and resilience.

KEYWORDS:

Parenting styles; personality; resilience; adolescence; young adults.

RESUMEN

Las vivencias experimentadas con las figuras significativas, así como las características del individuo pueden contribuir como factores protectores o de riesgo para su ajuste psicossocial. Este estudio tuvo como objetivo analizar el papel predictivo de los estilos de parentales y la personalidad en el proceso de resiliencia de los jóvenes, al tiempo que prueba el papel moderador de la personalidad. La muestra incluyó 1976 jóvenes de 14 a 25 años. Los resultados indican que los estilos parentales y la personalidad juegan un papel predictivo en la construcción del proceso resiliente. Se descubrió que la apertura a la experiencia desempeña un papel moderador en la asociación entre el estilo parental autoritario del padre y la resiliencia. A su vez, la conscienciosidad juega un papel moderador en la asociación entre el estilo parental permisivo y la resiliencia.

PALABRAS CLAVE:

Estilos parentales; personalidad; resiliencia; adolescencia jóvenes adultos.

O papel dos estilos parentais e da personalidade na construção do processo resiliente de adolescentes e jovens adultos

Estilos parentais e a personalidade

A família é reconhecida como um sistema de relações afetivas em constante mudança que desempenha um papel importante no desenvolvimento do ser humano (Alarcão & Gaspar, 2007; Steinberg & Silk, 2002). Um dos subsistemas da família, denominado por subsistema parental, é responsável por funções de cuidado, educação e proteção dos filhos (Alarcão & Gaspar, 2007). De acordo com a teoria da vinculação (Bowlby, 1969), desde uma fase precoce do desenvolvimento a criança estabelece vínculos afetivos com figuras que lhe são próximas, nomeadamente as figuras parentais. A vinculação pode ser referida como a capacidade de os seres humanos estabelecerem laços intensos com figuras significativas. A figura de vinculação é frequentemente referida como base segura uma vez que propicia uma sensação de segurança, intervindo de forma ativa, ajudando e encorajando o indivíduo quando necessário. O conceito de base segura consiste assim, na confiança que o indivíduo tem para explorar o mundo externo, sabendo que poderá regressar e ser bem-recebido, física e emocionalmente, por uma figura afetiva que se mostra disponível (Bowlby, 1988).

Além da importância da qualidade dos laços vinculativos estabelecidos, vários autores defendem que as atitudes parentais e o ambiente familiar desempenham um papel essencial no ajustamento afetivo e social dos filhos (e.g. Baumrind, 1991, 1966; Bornstein, 2002; Michiels *et al.*, 2010; Roelofs *et al.*, 2006). Este aspeto é justificado pelo facto das relações entre a diade pais-filhos serem o primeiro modelo de interação com o mundo que a rodeia (Alarcão, 2006) e desse modo, as representações aprendidas através das figuras significativas tornam-se a base de julgamento, motivação e conflito (Blos, 1998).

Baumrind descreveu a existência de uma variedade de estilos parentais que no seu parecer desempenham um papel relevante no desenvolvimento dos filhos. De acordo com a autora, o estilo parental funcional e frequentemente associado ao desenvolvimento emocional saudável denomina-se por democrático. Este é baseado na autonomia, respeito mútuo e estabelecimento de regras através da comunicação entre as partes. Por outro lado, o estilo autoritário, onde está patente o excesso de controlo parental e obediência, e o permissivo, caracterizado pela ausência de controlo e benevolência, encontram-se normalmente associados a dependência, dificuldades dos filhos em estabelecer interações adequadas e corresponder às exigências do meio (Baumrind, 1991, 1966). Posto isto, verifica-se que as relações estabelecidas com as figuras parentais têm um papel importante no desenvolvimento de representações mentais que constituem o seu modelo de comportamento, concepções e emocionalidade através dos laços afetivos estabelecidos com as figuras significativas. Bowlby (1969, 1988) considera que estes podem persistir ao longo da vida e são a base para a estruturação da personalidade. Vários autores corroboram a importância das relações estabelecidas com as figuras significativas no desenvolvimento da personalidade do ser humano (e.g. Belsky & Barrends, 2002; Bowlby, 1969, 1973; Caspi *et al.*, 2005; Harris & Bifulco 1991; Maddahi *et al.*, 2012; Mikulincer & Shaver, 2007; Prinzie *et al.*, 2004; Spinath, & O'Connor, 2003).

De acordo com a literatura a personalidade engloba uma componente genética e uma contextual, sendo que esta última vai sendo desenvolvida e construída em interação com o meio envolvente (e.g. Freitas *et al.*, 2012; Harris, 1995). A perspetiva ecológica do desenvolvimento aponta que os fatores contextuais são preponderantes face ao desenvolvimento das características da personalidade, assumindo que a interação e relação ativa do indivíduo com o seu contexto é

um dos principais fatores que contribuem para a formação da personalidade (Lerner *et al.*, 2006). O contexto familiar está associado ao desenvolvimento do carácter, aquisição de capacidades, atitudes e valores dos indivíduos (Dias, 2011). Cabe ainda ressaltar que a adolescência é reconhecida como um período de mudanças biopsicossociais (Blos, 1998) onde estão presentes transformações intrapsíquicas e inter-relacionais (Macedo, 2010). De acordo com Macedo (2010), nesta fase do desenvolvimento a disponibilidade e funções das figuras parentais estão associadas a repercussões significativas sob a forma como os jovens se posicionam face às exigências do meio envolvente. Nesta medida, durante a adolescência a estrutura da personalidade continua a ser desenvolvida, sendo que a significação das vivências durante esta fase é considerada de extrema importância.

O modelo dos cinco fatores tem vindo a ser largamente utilizado no estudo da personalidade, referindo que esta pode ser compreendida a partir de cinco dimensões: o neuroticismo, que engloba a vivência de emocionalidade negativa e labilidade emocional; a extroversão, que representa a sociabilidade, assertividade e emocionalidade positiva; a abertura à experiência, descrita pela curiosidade e exploração de novos desafios, a amabilidade que engloba a generosidade e a empatia e a conscienciosidade que compreende a perseverança, organização e determinação do indivíduo (Bertoquini & Pais- Ribeiro, 2006; Nunes & Hutz, 2007; Nunes *et al.*, 2009; Pervin & John, 2004; Weisberg *et al.*, 2011).

Vários estudos comprovam que estilos parentais democráticos estão relacionados ao desenvolvimento de características adaptativas da personalidade, como a extroversão, amabilidade (e.g. Huver *et al.*, 2010) e abertura à experiência (Maddahi *et al.*, 2012) e o estilo autoritário e permissivo encontram-se frequentemente associados ao neuroticismo (Belsky &

Barends, 2002; Metsapelto & Pulkkinen, 2003). Neste sentido, a presença de um estilo parental democrático aliado às características individuais do sujeito parece contribuir para o desenvolvimento pessoal, agindo como fatores protetores face à vivência de situações adversas (Masten, 1999, 2001; Morris *et al.*, 2007).

O papel dos estilos parentais e da personalidade na construção do processo resiliente dos jovens

De acordo com a perspectiva ecológica do desenvolvimento, os diferentes contextos da vida do indivíduo, assim como determinadas experiências psicossociais vão desempenhando um papel relevante no desenvolvimento, podendo ser considerados como fatores protetores ou de risco. A resposta perante as vicissitudes patentes ao longo do desenvolvimento é subjetiva, sendo que o jovem varia na sua vulnerabilidade face ao *stress* psicossocial e adversidade como resultado de fatores genéticos e ambientais (Bronfenbrenner, 1996; Rutter, 1999). Assim, os indivíduos podem demonstrar maior ou menor resiliência dependendo de cada situação experienciada (Rutter, 1999).

A resiliência tem vindo a ser descrita como um processo dinâmico pelo qual o indivíduo obtém uma adaptação positiva face a adversidades significativas ou traumas, tendo a competência para se desenvolver perante essas situações (Cyrlunik & Duval, 2006; Luthar & Cicchetti, 2000; Luthar *et al.*, 2000; Masten & Wright 2010; Rutter, 2012; Walsh, 2016). Este constructo pode ser definido como bidimensional implicando a exposição a adversidades e a apresentação do ajustamento evidenciado resultados positivos (Luthar & Cicchetti, 2000). Masten (2001) acrescenta que a resiliência se refere a acontecimentos marcados por ameaças à adaptação e ao desenvolvimento onde o indivíduo obtém resultados favoráveis. Para além de promover a

adaptação, a resiliência modera os efeitos negativos do *stress* (Luthar & Cicchetti 2000; Rutter, 2012; Wagnild & Young, 1993).

De acordo com vários autores, o processo resiliente assume uma dinâmica de interação entre o organismo e o meio envolvente, assumindo uma interação entre fatores protetores e de risco (Masten, 2001; Simões *et al.*, 2010; Rutter, 1999). A literatura aponta que para compreender este processo é fundamental perceber quais os fatores protetores internos/individuais (e.g. características da personalidade) e externos/ contextuais (dinâmica familiar) que este dispõe (e.g. Cyrulnik & Duval, 2006; Fergusson & Lynskey, 1996; Laranjeira, 2007; Masten, 2001; Pesce *et al.*, 2004).

Verifica-se que a presença de relacionamentos significativos com as figuras parentais que potenciam proteção e segurança permitem ao indivíduo o desenvolvimento do processo resiliente (Masten, 2001). De acordo com vários autores, a vivência de um estilo parental democrático e uma vinculação segura está positivamente associada à resiliência (e.g. Kritzas & Glover, 2005; Masten, 1999, 2001; Morris *et al.*, 2007). Neste sentido, o estilo parental democrático pautado por assertividade é descrito como fator protetor e reduz a vulnerabilidade face aos fatores de risco (Nam & Chun, 2014). Por outro lado, quando as figuras parentais se demonstram indisponíveis ou pouco responsivas os indivíduos desenvolvem um sentido de vulnerabilidade face às exigências do meio envolvente (Macedo, 2010).

Nesta medida, quando os indivíduos vivenciam estabilidade emocional e experienciam proteção, o seu desenvolvimento adaptativo é potenciado mesmo perante as situações adversas (Masten, 2001). Bowlby, em 1969, postulou que as relações familiares favoráveis desempenham um papel essencial no desenvolvimento dos padrões de funcionamento, culminando numa

personalidade mais estruturada e resiliente, potenciando a capacidade de lidar com dificuldades. Por outro lado, a presença de um ambiente familiar desinvestido pode levar ao desenvolvimento de personalidades onde esteja patente uma menor resiliência face a uma estrutura mais vulnerável.

De acordo com a literatura (Caspi *et al.*, 2005), os indivíduos com dimensões de personalidade positivas tendem a estar mais preparados para gerir situações adversas e obter uma maior eficácia para enfrentar os desafios e adversidades. Um estudo realizado com 479 famílias onde o objetivo consistiu em examinar a relação entre a resiliência e as dimensões de personalidade, revelou que a resiliência está positivamente relacionada às dimensões de personalidade associados ao otimismo, perseverança, cooperação e responsabilidade (Eley *et al.*, 2013). Por sua vez, uma investigação anterior teve como objetivo analisar a associação da resiliência com as dimensões de personalidade, *coping* e sintomas psiquiátricos e contou com 132 participantes com idade média de 18 anos. Os resultados apontaram que a resiliência apresenta uma associação negativa com a dimensão de personalidade neuroticismo e positiva com os fatores extroversão e a conscienciosidade (Campbell-Sills *et al.*, 2006). Um estudo longitudinal com 205 jovens em que o objetivo consistiu em examinar a significância das dimensões de personalidade *Big Five* face à resiliência, também verificou que os indivíduos com maior resiliência apresentavam maior conscienciosidade, amabilidade e abertura à experiência e menor neuroticismo em comparação com os indivíduos menos resilientes (Masten & Shiner, 2012).

O presente estudo tem como objetivo principal analisar o papel dos estilos parentais e da personalidade no desenvolvimento do processo resiliente em adolescentes e jovens adultos. Neste sentido pretende-se testar o papel preditor dos estilos parentais e da personalidade no

desenvolvimento da resiliência. Numa fase posterior, objetiva-se testar o papel moderador da personalidade na associação entre os estilos parentais e o processo resiliente.

Método

Participantes

No presente estudo participaram 1976 adolescentes e jovens adultos portugueses com idades compreendidas entre os 14 e os 25 anos ($M = 17.22$, $DP = 2.50$), sendo que 714 (36.1%) eram do sexo masculino e 1262 (63.9%) do sexo feminino. Observou-se que 1289 jovens se encontravam a frequentar o ensino básico e secundário (65.5%) e 683 frequentavam o ensino superior (34.5%).

Instrumentos

O protocolo de investigação desenvolvido para a concretização deste trabalho visou a recolha de informações pessoais dos indivíduos a partir de um Questionário Sociodemográfico.

O *Parenting Styles & Dimensions Questionnaire: Short Version (PSDQ)*; Robinson *et al.*, 1996) foi traduzido para população portuguesa (Nunes & Mota, 2018) e tem como objetivo avaliar a perceção dos jovens face aos estilos parentais dos pais. Este questionário de autorrelato é composto por 32 itens que se apresentam numa escala tipo *Likert* que varia do 1 (Nunca) ao 5 (Sempre). A escala é composta por duas versões, sendo que uma delas é dirigida à figura materna e outra à figura paterna. A organização do instrumento é constituída por três dimensões: o Estilo Democrático (inclui três subescalas: apoio e afeto, regulação e cedência de autonomia/participação democrática); o Estilo Autoritário (abrange três subescalas: coerção física, hostilidade verbal e punição) e o Estilo Permissivo (engloba a subescala indulgência). De salientar que através das análises confirmatórias de 1ª ordem se verificou que a dimensão

hostilidade verbal não se encontrava ajustada face ao constructo dos autores originais. Desta forma, optou-se por excluir a referida variável para não enviesar os resultados do estudo. Os estudos psicométricos realizados relativamente ao instrumento demonstraram um valor de alfa de *Cronbach* de .89 para a figura paterna e .85 para a figura materna no que diz respeito à totalidade do instrumento. Relativamente aos valores de consistência interna para cada dimensão foram observados: Estilo Democrático (apoio e afeto pai/mãe: .88/ .83; regulação pai/mãe: .87/.83; cedência de autonomia e participação democrática pai/mãe: .86/ .82) Estilo Autoritário (coerção física pai/mãe: .74/ .74; punição pai/mãe: .62/ .62) e Estilo Permissivo (indulgência pai/mãe: .58/ .57). No que diz respeito às análises fatoriais confirmatórias, estas apresentaram valores de ajustamento adequados (SRMR = .06 / .05, CFI = .96 / .96, RMSEA = .06 / .05, χ^2 (116) = 898.85, $p < .001$ / χ^2 (116) = 782.42, $p < .001$) para ambas as figuras parentais.

O *NEO Five Factor Inventory* (NEO-FFI-20; Costa & McCrae, 1992), traduzido e adaptado para a população portuguesa (Bertoquini & Pais- Ribeiro, 2006) foi utilizado para avaliar a personalidade. Este instrumento de autorrelato tem como objetivo avaliar os cinco fatores de personalidade: o neuroticismo, a extroversão, a abertura à experiência, a amabilidade e a conscienciosidade. No que se refere à composição da escala, nela constam 20 itens onde se pretende que o indivíduo se posicione numa escala tipo *Likert* onde constam cinco opções de resposta que varia de “discordo fortemente (1)” a “concordo fortemente (5)”. A análise da consistência interna revelou valores de *alfa* de *Cronbach* para cada uma das dimensões: .59 para o neuroticismo, .69 para a extroversão, abertura a experiência: .66; amabilidade: .50; conscienciosidade: .81). Pela análise fatorial confirmatória do instrumento verificou-se que os

valores de ajustamento são adequados para os modelos (SRMR = .04, CFI = .94, RMSEA = .05, $\chi^2(76) = 434.21, p = .000$).

A *Resilience Scale* (Wagnild e Young, 1993), traduzida e adaptada para a população portuguesa (Araújo & Mota, 2011), foi utilizada para avaliar o grau de resiliência individual dos jovens. Tal avaliação é realizada considerando as características positivas da personalidade que propiciam a adaptação individual a eventos de vida considerados adversos. Esta escala é constituída por cinco componentes, sendo eles a perseverança, a autoconfiança, a serenidade, o sentido de vida e por fim a autossuficiência. O instrumento comporta 25 itens onde se pretende que o indivíduo se posicione numa escala tipo *Likert* de 7 pontos que variam de “discordo totalmente” a “concordo totalmente”. No que diz respeito às características psicométricas verificou-se que o instrumento apresenta uma boa consistência interna para a totalidade da escala (alfa de *Cronbach* de .91). No que diz respeito à consistência interna por dimensões observa-se um alfa de .83 para a perseverança, .67 para a autoconfiança, .68 para a serenidade, .64 para o sentido de vida e .60 para a autossuficiência. Pela análise fatorial confirmatória do instrumento verificou-se que os índices de ajustamento estão adequados ao modelo (SRMR = .04, CFI = .95, RMSEA = .07, $\chi^2(63) = 640.3, p < .001$).

Procedimento

O protocolo de investigação foi desenvolvido obtendo autorização por parte dos autores originais dos instrumentos. Foi realizada uma reflexão falada com 15 jovens no intervalo de idades em estudo, para verificar se o protocolo de investigação se encontrava perceptível relativamente à sua estrutura formal e semântica e qual a duração do preenchimento do mesmo (aproximadamente 45 minutos). O protocolo obteve aprovação da Comissão de ética da

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. A recolha da amostra foi realizada em 12 escolas de ensino básico/ secundário e 1 instituição de ensino universitário, em turmas de diferentes anos de escolaridade (9º ao 12º ano) e cursos de formação da região Norte de Portugal. O procedimento realizou-se de forma randomizada em ambos contextos, sendo apenas recolhida amostra num único momento. De salientar que foi realizada uma reunião prévia com os diretores/ presidentes responsáveis de cada instituição, de forma a serem clarificados aspetos relativos ao estudo e a serem solicitadas as respetivas autorizações para a recolha de dados. Após a aprovação da recolha, foi recolhido junto dos jovens e respetivos encarregados de educação, sempre que menores de idade, o Termo Consentimento Livre e Esclarecido, onde constava a voluntariedade da participação no estudo, assim como a garantia de confidencialidade e anonimato das informações obtidas.

Resultados

Tendo em conta o objetivo de analisar as associações entre os estilos parentais, a personalidade e resiliência, foram efetuadas análises correlacionais entre as variáveis. Os resultados das análises de correlações interescalas, as médias e desvios-padrão encontram-se transcritos na tabela 1. Os resultados indicam a existência de correlações significativas entre as várias dimensões de estilos parentais de ambos os pais, nomeadamente o apoio e afeto, a regulação e cedência de autonomia e participação democrática estão associadas de forma positiva e significativa, com magnitude baixa a moderada, com as dimensões relativas à personalidade ($r = .05$, até $r = .28$), à exceção da dimensão neuroticismo que está correlacionada de forma negativa e significativa, embora com uma magnitude baixa ($r = -.19$, até $r = -.23$). As mesmas dimensões dos estilos parentais estão relacionadas de forma positiva e significativa com as várias

dimensões da resiliência, sendo a magnitude moderada ($r = .14$, até $r = .28$). Por sua vez, a coerção física, a punição e a indulgência apresentam correlações negativas e significativas, com uma magnitude baixa relativamente à abertura à experiência, amabilidade e conscienciosidade ($r = -.05$, até $r = -.13$). Por sua vez, verifica-se que a punição e a indulgência apresentam correlações positivas e significativas com magnitude fraca relativamente à dimensão neuroticismo ($r = .06$, até $r = .08$) (Tabela 1).

Verificou-se ainda que a coerção física, a punição e a indulgência para ambas as figuras parentais estão relacionadas de forma negativa e significativa com algumas dimensões da resiliência. No que diz respeito à figura paterna verifica-se que a punição apresenta correlações negativas e significativas relativamente à perseverança, serenidade e autossuficiência, apesar da magnitude ser baixa ($r = -.05$ até $r = -.06$) e indulgência apresenta correlações significativas para a serenidade e para a autossuficiência ($r = -.05$ até $r = -.09$). Relativamente à figura materna verifica-se que a coerção física apresenta uma relação negativa significativa relativamente à serenidade ($r = -.04$), a punição apresenta correlações negativas e significativas no que concerne à perseverança e à serenidade ($r = -.05$ até $r = -.06$) e a indulgência apresenta correlações significativas para a autoconfiança, serenidade e para a autossuficiência ($r = -.05$ até $r = -.08$), apesar da magnitude ser baixa.

No que concerne à associação entre a personalidade e a resiliência, os resultados apontam para a presença de correlações significativas e negativas entre o neuroticismo e as várias dimensões da resiliência, com magnitude moderada ($r = -.30$ até $r = -.44$). Ressalta-se ainda que a dimensão sentido de vida apresenta uma correlação negativa e significativa com a dimensão abertura à experiência ($r = -.10$). Verifica-se ainda a existência de correlações positivas,

significativas e com uma magnitude baixa a moderada entre as dimensões extroversão, amabilidade e conscienciosidade com as diferentes dimensões da resiliência ($r = .11$ até $r = .54$) (Tabela 1).

O papel preditor dos estilos parentais e da personalidade na construção do processo resiliente dos jovens

De forma a verificar o papel preditor dos estilos parentais e as dimensões de personalidade na construção do processo resiliente dos jovens, procedeu-se à realização de análises de regressão múltipla hierárquica. Sublinha-se que se optou pelo método hierárquico com o intuito de controlar o efeito das variáveis de forma sequencial (Pallant, 2005). As análises foram realizadas tendo em conta 4 blocos, nomeadamente o sexo, a idade e os estilos parentais do mãe e pai, respetivamente. Posteriormente foi adicionado o bloco 5 relativo às dimensões de personalidade (perseverança, autoconfiança, serenidade, sentido de vida e autossuficiência).

Através da análise individual do papel de cada uma das variáveis independentes face à predição da perseverança verifica-se que algumas delas apresentam resultados estatisticamente significativos, nomeadamente: a conscienciosidade ($\beta = .33$), a extroversão ($\beta = .27$), o neuroticismo ($\beta = -.22$), a cedência de autonomia e participação democrática por parte da figura materna ($\beta = .10$) e a abertura à experiência ($\beta = .06$). Relativamente à variável autoconfiança, verifica-se que algumas das variáveis independentes apresentam um resultado significativo face à sua predição, nomeadamente: a conscienciosidade ($\beta = .30$), a extroversão ($\beta = .21$), o neuroticismo ($\beta = -.12$) e a abertura à experiência ($\beta = .04$). No que concerne à serenidade, verificou-se que a extroversão ($\beta = .23$) conscienciosidade ($\beta = .22$), o neuroticismo ($\beta = -.16$) e a amabilidade ($\beta = .09$) apresentam um resultado significativo face à predição da variável.

Relativamente à variável sentido de vida, verifica-se que o neuroticismo ($\beta = -.27$) a extroversão ($\beta = .23$), a conscienciosidade ($\beta = .12$), a abertura à experiência ($\beta = -.07$) e o sexo masculino ($\beta = -.08$) apresentam um resultado significativo face à sua predição. Por último, no que se refere à autossuficiência algumas das variáveis independentes também apresentam um resultado significativo face à sua predição, particularmente: o neuroticismo ($\beta = -.18$), o apoio e afeto da figura materna ($\beta = -.12$), a cedência de autonomia e participação democrática da figura materna ($\beta = .13$), a conscienciosidade ($\beta = .17$), a extroversão ($\beta = .10$) (Tabela 2).

Efeito dos estilos parentais na construção do processo resiliente: O papel moderador da personalidade

De acordo com o último objetivo do presente estudo, foi testado o papel moderador da personalidade na associação entre os estilos parentais e o processo resiliente através do programa *MACRO PROCESS* de Andrew F. Hayes (Hayes, 2013). Sublinha-se que a variável resiliência foi testada a partir do seu compósito de forma a ser analisada como um processo dinâmico geral.

A partir da análise realizada verifica-se que a abertura à experiência exerce um papel moderador na associação entre estilo parental autoritário do pai e resiliência ($\Delta R^2 = .00$, $\Delta F_{(3,1972)} = 2.86$, $p = .036$. $\beta = -.09$, $t_{(3,1972)} = -1.98$, $p = .048$, $[-.17, -.00]$). A partir da análise da interação verifica-se que quando há uma elevada perceção do estilo parental autoritário, mas está presente uma elevada abertura à experiência, verifica-se uma menor resiliência dos jovens. Observa-se ainda, que quando o relacionamento entre as variáveis é moderado por uma baixa abertura à experiência, independentemente da perceção do estilo autoritário ser maior ou menor, os níveis de resiliência encontram-se moderados e praticamente se igualam (Figura 1).

Por fim, verifica-se ainda que a conscienciosidade ($\Delta R^2 = .002$, $\Delta F_{(3,1972)} = 2.86$, $p = .036$, $\beta = -.09$, $t_{(3,1972)} = -1.98$, $p = .048$, $[-.17, -.00]$) exerce um papel moderador na associação entre estilo permissivo do pai ($\Delta R^2 = .004$, $\Delta F_{(3,1972)} = 237.14$, $p = .000$, $\beta = -.10$, $t_{(3,1972)} = -2.58$, $p = .009$, $[-.18, -.02]$) e resiliência. O mesmo se verifica com o estilo permissivo da mãe e a resiliência ($\Delta R^2 = .003$, $\Delta F_{(3,1972)} = 235.57$, $p = .000$, $\beta = -.08$, $t_{(3,1972)} = -2.12$, $p = .035$, $[-.16, -.01]$). Quando realizada a análise das Figuras 2 e 3 verifica-se resultados semelhantes para ambas as figuras parentais. Observa-se que quando existe uma elevada percepção de um estilo parental permissivo, mas está presente uma elevada conscienciosidade, verificam-se níveis mais elevados de resiliência do que quando existe uma baixa conscienciosidade.

Discussão

O presente estudo teve como principal objetivo analisar o papel dos estilos parentais e da personalidade no desenvolvimento do processo resiliente dos adolescentes e jovens adultos. Os resultados obtidos indicam que o estilo parental democrático, de ambas as figuras parentais, está positivamente associado à extroversão, amabilidade, abertura à experiência e conscienciosidade e negativamente com o neuroticismo. Por sua vez, o estilo democrático encontra-se ainda positivamente associado com as dimensões que comportam a variável da resiliência. Os resultados sugerem que na presença de um estilo parental democrático, os jovens têm uma maior predisposição para o desenvolvimento de dimensões da personalidade que indicam ajustamento afetivo e características essenciais na adaptação a circunstâncias adversas, como a perseverança, autoconfiança, serenidade, sentido de vida e autossuficiência. Os resultados vão ao encontro da perspectiva teórica de Bowlby que assume a relevância das figuras significativas de afeto no desenvolvimento de uma personalidade estruturada, estável emocionalmente e resiliente. O autor

justifica esse aspecto devido ao cuidado e afeto prestado e consequente transmissão de um sentido de segurança e certeza que permite ao indivíduo desenvolver-se, sabendo que em caso de dificuldade terá o suporte dos pais. Nesta medida, um ambiente parental baseado na disponibilidade e compreensão promove confiança face aos desafios da vida e está associado a uma menor fragilidade psicológica, como o traço de neuroticismo (Bowlby, 1969). Vários estudos apontam que os estilos parentais democráticos estão relacionados com as características de personalidade do indivíduo nomeadamente com a extroversão, amabilidade e abertura à experiência (e.g. Huver *et al.*, 2010; Maddahi *et al.*, 2012) e com a resiliência (e.g. Kritzas & Glober, 2005; Masten, 1999, 2001; Morris *et al.*, 2007; Nam & Chun, 2014).

Por sua vez, os estilos parentais autoritário e permissivo estão associados positivamente ao neuroticismo e negativamente à abertura à experiência, amabilidade e conscienciosidade. Ainda, o estilo autoritário e o permissivo parecem estar associados a uma maior vulnerabilidade emocional, podendo criar uma barreira na aquisição de características adaptativas que permitem ajustamento social e emocional. Nesta medida, verifica-se a importância de um estilo parental congruente e assertivo no desenvolvimento da personalidade estável. Numa investigação que contou com 172 indivíduos pretendeu-se verificar a relação entre dimensões de personalidade e as atitudes parentais. Os resultados apontaram que um estilo parental onde está patente o controlo excessivo (patente no estilo autoritário) ou a ausência total do mesmo (patente no estilo permissivo) se associa à dimensão de personalidade neuroticismo (Metsapelto & Pulkkinen, 2003). Desta forma, esta característica está relacionada a atitudes parentais menos disponíveis e prestáveis (Belsky & Barends, 2002).

Verificou-se ainda que a punição por parte da figura paterna está associada negativamente à perseverança, serenidade e autossuficiência e a indulgência está relacionada negativamente com a serenidade e com a autossuficiência. Relativamente à figura materna salienta-se uma associação negativa entre a coerção física e serenidade, entre a punição e a perseverança e serenidade e ainda a indulgência e a autoconfiança, serenidade e autossuficiência. Embora os resultados sejam um pouco díspares entre as figuras parentais, quando o estilo parental tem por base o uso de castigo ou é sustentado pela ausência de coercividade e responsabilidades, os indivíduos têm uma maior dificuldade em desenvolver características essenciais face a uma adaptação positiva. Este aspeto pode ser justificado pelo facto de as figuras parentais não transmitirem aos filhos segurança em lidar com as adversidades, criando uma relação de dependência entre a diáde. De acordo com a literatura (Macedo, 2010), a indisponibilidade das figuras parentais está associada ao desenvolvimento de uma maior vulnerabilidade e dificuldade em lidar com determinadas situações de *stress*.

A partir da análise de resultados é ainda visível a associação positiva entre as características da personalidade, nomeadamente a extroversão, a amabilidade e a conscienciosidade e a resiliência. Verifica-se ainda a presença de associações negativas entre o neuroticismo e a resiliência. Sublinha-se ainda que a dimensão sentido de vida está negativamente associada à abertura à experiência. Nesta medida, é observado que as características da personalidade que são caracterizadas como relevantes para o ajustamento psicossocial dos jovens estão associadas ao desenvolvimento do processo resiliente. O mesmo não acontece com o neuroticismo, sendo que o mesmo se encontra associado a uma maior vulnerabilidade e a sintomas psicopatológicos. Nesta medida, quando os indivíduos apresentam

menores níveis de neuroticismo apresentam-se mais ajustados e emocionalmente estáveis. Tal resultado pode ser justificado na medida em que as qualidades implícitas ao processo resiliente são consideradas características positivas da personalidade, que propiciam a adaptação dos jovens face às vicissitudes. Através de uma investigação desenvolvida com 479 famílias, demonstrou-se que a resiliência está associada positivamente com a perseverança, cooperação e responsabilidade (Eley *et al.*, 2013). Num outro estudo realizado, verificou-se a partir de uma amostra com 205 participantes, que os indivíduos com maior resiliência apresentavam maior conscienciosidade, amabilidade e abertura à experiência e menor neuroticismo (Masten & Shiner, 2012). Por fim, num estudo com 132 participantes, observou-se que a resiliência revelou uma associação positiva com os fatores extroversão e a conscienciosidade e negativa com o neuroticismo (Campbell-Sills *et al.*, 2006).

Face aos objetivos propostos, foi ainda possível verificar que os estilos parentais e a personalidade têm um papel preditor na construção do processo resiliente dos adolescentes e jovens adultos. Contudo, ao contrário do que seria esperado, as dimensões de personalidade emocionalmente ajustados assumem um papel preponderante na predição de características relacionadas com a resiliência. Foi ainda passível de se observar que o neuroticismo prediz negativamente as várias dimensões do processo resiliente. Os resultados obtidos no presente estudo poderão ser justificados pelo facto dos estilos parentais estarem intrinsecamente relacionados com a estruturação da personalidade dos jovens e esta, por sua vez, relacionar-se com a forma como o indivíduo se adapta face a situações adversas. Assim, um ambiente parental baseado na disponibilidade, prestação de cuidados, apoio, suporte, assertividade e um nível de controlo ajustado parece ser promotor de uma estrutura de personalidade robusta e competente

que, subsequentemente, potencia o desenvolvimento de características ajustadas e o desenvolvimento do processo resiliente dos jovens. Por outro lado, na presença de estilos parentais incongruentes ao nível da prestação de cuidados e segurança poderá proporcionar no indivíduo sentimentos de incapacidade e baixa autoconfiança, desenvolvendo ao longo da vida uma personalidade emocionalmente vulnerável que está associada a uma menor resiliência da parte dos jovens.

Assim, vários autores assumem que a construção do processo resiliente está não só associada a fatores contextuais (e.g. estilos parentais), como também às características individuais do sujeito, nomeadamente as dimensões de personalidade (e.g. Laranjeira, 2007; Masten, 2001; Pesce *et al.*, 2004). Pôde observar-se que as características da personalidade positiva assumem um papel preditor positivo face às dimensões que compõe a resiliência, enquanto características da personalidade associadas a uma instabilidade emocional, como o neuroticismo se encontram negativamente associadas. De acordo com outros autores (e.g. Caspi *et al.*, 2005), os indivíduos com dimensões de personalidade como a amabilidade e conscienciosidade que representam estabilidade emocional tendem a estar mais preparados para lidar com as mudanças existentes ao longo da vida, estando relacionados com aumento do processo resiliente que lhes permite uma maior eficácia para enfrentar os desafios e adversidades. Num outro estudo realizado (Masten & Shiner, 2012) observou-se que os jovens que evidenciam níveis mais elevados de resiliência, são aqueles que apresentavam maior conscienciosidade, amabilidade e abertura à experiência, assim como menor neuroticismo, quando comparados com os indivíduos menos resilientes.

Verificou-se ainda que, mesmo na presença das dimensões de personalidade como preditores principais, algumas dimensões do estilo democrático da figura materna continuam a

predizer significativamente a aquisição de algumas características do processo resiliente, embora com menor magnitude, comparativamente às dimensões de personalidade. Nesta medida, a cedência de autonomia e participação democrática por parte da mãe prediz positivamente a perseverança e a autossuficiência. Por sua vez, o apoio e afeto prediz positivamente a serenidade e negativamente a autossuficiência. Os resultados obtidos parecem fazer sobressair o papel direto da figura materna face ao desenvolvimento psicoafectivo dos jovens. Parece ainda importante sublinhar a relevância dos estilos parentais democráticos na predição de características de personalidade como a perseverança e a serenidade dos jovens. Por outro lado, verifica-se que a autossuficiência foi negativamente predita pelo apoio e afeto da figura materna. Este resultado poderá indicar que o desenvolvimento de autonomia dos jovens poderá estar maioritariamente associado ao desenvolvimento de dimensões de personalidade emocionalmente ajustados, como a conscienciosidade onde está patente uma postura que visa a competência e determinação, e a extroversão que se verifica na presença de emocionalidade positiva e assertividade.

De acordo com a perspectiva ecológica do desenvolvimento, o jovem está inserido em múltiplos contextos que desempenham um papel importante no seu desenvolvimento, podendo ser considerados como fatores protetores ou de risco para o ajustamento adaptativo do indivíduo (Bronfenbrenner, 1996). Neste sentido, os relacionamentos estabelecidos com as figuras parentais quando atuantes como fatores protetores no sentido de potenciar proteção e segurança permitem ao indivíduo o desenvolvimento do processo resiliente. A presença de um estilo parental democrático, aliado ao funcionamento intelectual, autoperceção e motivação intrínseca contribuem para o desenvolvimento adaptativo do indivíduo (Masten, 1999, 2001). Outros autores referem que um estilo parental democrático está positivamente associado ao processo

resiliente e negativamente associado ao desenvolvimento de estratégias de *coping* desadaptativas (Kritzas & Glober, 2005). Neste sentido, os jovens que crescem no seio de vivências de um estilo parental democrático adquirem competências adaptativas e um consequente desenvolvimento equilibrado ao nível social, emocional e cognitivo que se revela resiliente (Morris *et al.*, 2007). Desta forma, um estilo parental positivo pode ser considerado como fator protetor e reduz a vulnerabilidade face aos fatores de risco (Nam & Chun, 2014).

Por último, verifica-se que a personalidade assume um papel moderador em algumas das suas dimensões na associação entre os estilos parentais e a resiliência. Nesta medida, quando existe uma alta perceção de autoridade, moderada por uma elevada abertura à experiência, os níveis de resiliência são inferiores comparativamente a uma baixa abertura à experiência. Embora o resultado obtido não seja expectável, poderá indicar que quando os jovens têm uma elevada perceção do estilo autoritário do pai e apresentam uma elevada abertura à experiência, poderão estar mais conscientes quanto às restrições implementadas pelas figuras parentais e apresentarem menores níveis de resiliência. De acordo com a literatura, os indivíduos com elevada abertura à experiência apresentam uma maior perceção e curiosidade em relação a si e ao mundo que os rodeiam (Weisberg *et al.*, 2011). Neste sentido, um jovem que apresenta estas características parece ter uma maior perceção das limitações, restrição de autonomia e controlo imposto pela atitude parental autoritária e apresentar uma maior dificuldade de adaptação face às situações adversas. Contudo, verifica-se a escassez de estudos que analisem o papel da abertura à experiência na associação entre os estilos parentais e a resiliência.

Por sua vez, verifica-se que um estilo parental permissivo, na presença de uma elevada conscienciosidade, aumenta os níveis de resiliência. O presente resultado indica que, embora o

estilo permissivo prediga negativamente a resiliência, quando o indivíduo apresenta uma elevada conscienciosidade, traduz-se numa maior resiliência comparativamente com uma baixa conscienciosidade. Tal resultado poderá ser justificado pelo facto dos indivíduos que apresentam uma maior conscienciosidade terem patentes características como a perseverança, competência e determinação que se consideram relevantes no conceito de resiliência. Um estudo anteriormente realizado (Caspi *et al.*, 2005) demonstrou a relevância da conscienciosidade no ajustamento emocional e desenvolvimento adaptativo face a situações adversas.

A partir do estudo empírico observa-se a importância da adoção de um estilo parental democrático e de características de personalidade positivas na construção do processo resiliente. Este processo parece ser resultado do desenvolvimento de modelos internos dinâmicos ajustados e capazes de lidar com desafios que envolvem a superação das suas próprias dificuldades. Denota-se que as dimensões de personalidade, nomeadamente a conscienciosidade, a extroversão e a abertura à experiência, têm um papel preditor preponderante no desenvolvimento de características resilientes em comparação com os estilos parentais. Neste sentido, determinadas dimensões de personalidade onde estão patentes características emocionalmente ajustadas parecem apresentar-se como fatores protetores relevantes na resposta a eventos adversos.

Implicações práticas, limitações e pistas futuras

O presente estudo evidencia algumas contribuições, implicações práticas e limitações que importa referir. Neste sentido, sublinha-se que a investigação permitiu compreender a importância dos estilos parentais e das dimensões da personalidade na construção do processo resiliente dos jovens, podendo estes contribuir como fatores protetores face a situações de

vulnerabilidade. A partir dos resultados é possível ter uma percepção mais ampla de diferentes fatores que podem estar implicados quando os jovens vivenciam situações adversas.

No decorrer da investigação foram identificadas algumas limitações, nomeadamente a transversalidade do estudo, a extensão do protocolo, a presença de algumas dimensões do questionário NEO-FFI com consistência média-baixa, e o facto da recolha de dados ter sido concretizada a partir de questionários de autorrelato, sendo suscetível a aleatoriedade de respostas e a subjetividade dos participantes na percepção do conteúdo.

Neste sentido, importa referir a necessidade de investigações futuras de carácter longitudinal de forma a poder ser preconizadas relações de causalidade entre as variáveis em estudo. Por sua vez, seria relevante compreender o papel da personalidade dos pais na construção do processo resiliente dos filhos, uma vez que este fator está intimamente relacionado com as próprias atitudes parentais (Bornstein, 2002).

Referências

- Alarcão, M. (2006). *(Des)equilíbrios familiares*. 3ª edição. Coimbra: Quarteto Editora.
- Alarcão, M., & Gaspar, M.F. (2007). Imprevisibilidade familiar e suas implicações no desenvolvimento individual e familiar. *Paidéia*, 17(36), 89-102. doi: 10.1590/S0103-863X2007000100009
- Araújo, R. (2011). *Resiliência e auto-conceito em jovens institucionalizados: qualidade da ligação a figuras significativas*. Dissertação de mestrado, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, Portugal.
- Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative parental control of child behavior. *Development*, 37, 887-907.
- Baumrind, D. (1991). The influence of parenting style on adolescent competence and Bornsubstance use. *Journal of Early Adolescence*, 11(1), 56-95. doi: 10.1177/02724316911111004
- Belsky, J., & Barends, N. (2002). Personality and parenting. In M. Bornstein (Ed.). *Handbook of parenting: Children and parenting* (Vol. 3, Chap. 14, pp. 415-438). Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates.
- Bertoquini, V., & Pais-Ribeiro, J. (2006). Estudo de formas muito reduzidas do modelo dos cinco fatores da personalidade. *Psychologica*, 43, 193-210.
- Blos, P. (1998). *Adolescência: Uma interpretação psicanalítica*. 2ª Edição. São Paulo: Martins Fontes.
- Bornstein, M. (2002). Parenting infants. In Marc Bornstein (Ed.). *Handbook of parenting: Children and parenting* (Vol. 1, pp.3-43). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss. Vol.1: Attachment*. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and los. Vol.2: Separation, anxiety and anger*. New York: Basic Books.

- Bowlby, J. (1988). *A secure base: Parent-child attachment and healthy human development*. London: Basic Books.
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: Experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Caspi, A., & Roberts, B., & Shiner, R. (2005). Personality development: Stability and change. *Annual Review of Psychology*, 56, 453–484. doi:10.1146/annurev.psych.55.090902.141913
- Campbell-Sills, L., Cohan, S., & Stein, M. (2006). Relationship of resilience to personality, coping, and psychiatric symptoms in young adults. *Behaviour Research and Therapy*, 44(4), 585–599. doi: 10.1016/j.brat.2005.05.001
- Cyrulnik, B., & Duval, P. (2006). *Psychanalyse et Résilience*. Paris: Odile Jacob.
- Dias, M. O. (2011). Um olhar sobre a família na perspectiva sistêmica: O processo de comunicação no sistema familiar. *Gestão e Desenvolvimento*, 19, 139-156.
- Eley, D., Cloninger, R., Walters, L., Laurence, C., Synnott, R., & Wilkinson, D. (2013). The relationship between resilience and personality traits in doctors: implications for enhancing well being. *Peer Journal*, 1(216), 1-16. doi: 10.7717/peerj.216
- Fergusson, D., & Lynskey, M. (1996). Adolescent resiliency to family adversity. *Child Psychology and Psychiatry*, 37, 281- 292.
- Freitas, D., Viana, L., Cunha, C., Silva, A., & Suarez, M. (2012). Genética: um fator de influência na formação da personalidade. *Journal of Management and Primary Health Care*, 3(1), 26-33.
- Harris, J. (1995). Where is the child's environment? A group socialization theory of development. *Psychological Review*, 102(3), 458–489. doi: [10.1037/0033-295X.102.3.458](https://doi.org/10.1037/0033-295X.102.3.458)
- Harris, T., & Bifulco, A. (1991). Loss of parent in childhood, attachment style, and depression in adulthood. In C. M. Parkes; J. S. Hinde; P. Marris (Eds.). *Attachment across the life cycle* (pp. 234 - 267). London: Routledge.

- Hayes, A. (2013). *Introduction to mediation, moderation, and conditional process analysis: A regression-based approach*. New York: Guilford Press.
- Hayes, A., & Preacher, K. (2014). Statistical mediation analysis with a multicategorical independent variable. *British Journal of Mathematical and Statistical Psychology*, 67, 451-470. doi: 10.1111/bmsp.12028
- Huver, R., Otten, R., Vries, H., & Engels, R. (2010). Personality and parenting style in parents of adolescents. *Journal of Adolescence*, 33(3), 395 - 402. doi: 10.1016/j.adolescence.2009.07.012
- Kritzas, N., & Grobler, A. A. (2009). The relationship between perceived parenting styles and resilience during adolescence. *Journal of Child & Adolescent Mental Health*, 17(1), 1-12, doi: 10.2989/17280580509486586
- Laranjeira, C. (2007). Do invulnerável ser ao resiliente envelhecer: revisão de literatura. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 23(3), 327-332. doi: 10.1590/S0102-37722007000300012
- Lerner, R., Lerner, J., Almerigi, J., & Theokas, C. (2006). Dynamics of individual context relations in human development: A developmental systems perspective. In J. Thomas & D. Segal (Eds.). *Comprehensive handbook of personality and psychopathology* (Volume 1: Personality and everyday functioning, pp. 23-43). New Jersey: John Wiley & Sons, Inc.
- Luthar, S., & Cicchetti, D. (2000). The construct of resilience: Implications for interventions and social policies. *Developmental Psychopathology*, 12(4), 857-885.
- Luthar, S., Cicchetti, D., & Becker, B. (2000). The construct of resilience: A critical evaluation and guidelines for future work. *Child Development*, 71(3), 543-562. doi:10.1111/1467-8624.00164
- Macedo, M. (2010). *Adolescência e psicanálise: Interseções possíveis*. Porto Alegre: Edipucrs.
- Maddahi, M., Javidi, N., Samadzadeh, M., & Amini, M. (2012). The study of relationship between parenting styles and personality dimensions in sample of college students. *Indian Journal of Science and Technology*, 5(9), 3332-3335.

- Masten, A. (1999). The promise and perils of resilience research as a guide to preventive interventions: Comments on Rolf and Johnson. In M. Glantz & J. Johnson (Eds.). *Resilience and development: Positive life adaptations* (pp. 251-257). New York: Plenum.
- Masten, A. (2001). Ordinary magic: resilience processes in development. *American Psychologist*, 56(3), 227-238. doi: 10.1037//0003-066X.56.3.227
- Masten, A., & Shiner, R. (2012). Childhood personality as a harbinger of competence and resilience in aduith. *Development and Psychopathology*, 24(2), 507-528. doi: 10.1017/S0954579412000120
- Masten, A. & Wright, M. (2010). Resilience over the lifespan: Developmental perspectives on resistance, recovery, and transformation. In J. Reich; A. Zautra; J. Hall (Eds.), *Handbook of adult resilience* (pp. 213–237). New York: The Guilford Press.
- Metsapelto, R. L., & Pulkkinen, L. (2003). Personality traits and parenting: Neuroticism, extraversion, and openness to experience as discriminative factors. *European Journal of Personality*, 17, 59-78. doi: 10.1002/per.468
- Michiels, G., & Onghena, K. (2010). Perceptions of maternal and paternal attachment security in middle childhood: Links with positive parental affection and psychosocial adjustment. *Early Child Development and Care*, 180(1-2), 211-225. doi: 10.1080/03004430903415064
- Mikulincer, M., & Shaver, P. (2007). *Attachment in adulthood: Structure, dynamics, and change*. New York: The Guilford Press.
- Morris, A., Silk, J., Steinberg, L., Myers, S., & Robinson, L. (2007). The role of the family context in the development of emotion regulation. *Social Development*, 16(2), 361–388. doi: 10.1111/j.1467-9507.2007.00389.x
- Nam, S., & Chun, J. (2014). Influencing factors on mothers' parenting style of young children at risk for developmental delay in South Korea: The mediating effects of parenting stress. *Children and Youth Services Review*, 36, 81-89. doi: 10.1016/j.childyouth.2013.11.008

- Nunes, C., & Hutz, C. (2007). Construção e validação da escala fatorial de socialização no modelo dos cinco grandes fatores de personalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20(1), 20-25. doi: 10.1590/S0102-79722007000100004
- Nunes, C., Hutz, C., & Giacomoni, C. (2009). Associação entre bem-estar subjetivo e personalidade no modelo dos cinco grandes fatores. *Avaliação Psicológica*, 8(1), 99-108.
- Nunes, F., & Mota, C. P. (2018). Parenting Styles and Dimensions Questionnaire – adaptação da versão portuguesa de heterorrelato. *Revista Colombiana de Psicología*, 27, 117-131. <https://doi.org/10.15446/rcp.v27n1.64621>
- Pallant, J. (2005). *SPSS survival manual*. Buckingham: Open University Press.
- Pervin, L., & John, O. (2004). *Personalidade: Teoria e pesquisa*. 8ª edição. Porto Alegre: Artmed
- Pesce, R., Assis, S., Santos, N., & Oliveira, R. (2004). Risco e protecção: Em busca de um equilíbrio promotor de resiliência. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 20(2), 135-143. doi: 10.1590/S0102-37722004000200006
- Prinzle, O., Hellinck, G., & Ghesquière, C. (2004). Parent and child personality characteristics as predictors of negative discipline and externalizing problem behaviour in children. *European Journal of Personality*, 18(2), 73-102. doi: 10.1002/per.501
- Robinson, C., Mandleco, B., Olsen, S., & Hart, C. (1996). *Psychometric support for a new measure of authoritative, authoritarian, and permissive parenting practices: Cross-cultural connections*. Paper presented in symposium: New measures of parental child-Rearing practices developed in different cultural contexts, Canada.
- Roelofs, J., Meesters, C., Ter Huurne, M., Bamelis, L., & Muris, P. (2006). On the links between attachment style, parental rearing behaviors, and internalizing and externalizing problems in non-clinical children. *Journal of Child and Family Studies*, 15(3), 331-344. doi:10.1007/s10826-006-9025-1
- Rutter, M. (1999). Resilience concepts and findings: Implications for family therapy. *Journal of Family Therapy*, 21, 119-144. doi: 10.1111/1467-6427.00108

- Rutter, M. (2012). Resilience as a dynamic concept. *Development and Psychological Science*, 24(2), 337-344. doi: 10.1017/S0954579412000028
- Simões, C., Matos, M. G., Ferreira, M., & Tomé, G. (2010). Risco e resiliência em adolescentes com necessidades educativas especiais: desenvolvimento de um programa de promoção da resiliência na adolescência. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 11(1), 101-119.
- Spinath, F. M., & O'Connor, T. G. (2003). A behavioral genetic study of the overlap between personality and parenting. *Journal of Personality*, 71(5), 785–808. doi: 10.1111/1467-6494.7105004
- Steinberg, L., & Silk, J. (2002). Parenting adolescents. In Marc Bornstein (Ed.). *Handbook of parenting: Children and parenting* (Vol. 1, 103-133). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Wagnild, G., & Young, H. (1993). Development and psychometric evaluation of resilience scale. *Journal of Nursing measurement*, 1(2), 165-178.
- Walsh, F. (2016). *Strengthening family resilience*. 3rd Edition. New York: The Guilford Press.
- Weisberg, Y., DeYoung, C., & Hirsh, J. (2011). Gender differences in personality across the ten aspects of the Big Five. *Frontiers in Psychology*, 2(178), 1-11. doi: 10.3389/fpsyg.2011.00178

Tabela 1.

Correlação entre variáveis, média e desvio-padrão (N=1976).

Variáveis	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22
<i>Estilos Parentais Pai</i>																						
1. Apoio e afeto	-																					
2. Regulação	.80**	-																				
3. Cedência de autonomia e participação democrática	.81**	.75**	-																			
4. Coerção física	-.07**	-.01	-.10**	-																		
5. Punição	-.01	.09**	-.06**	.47**	-																	
6. Indulgência	.14**	.14**	.14**	.26**	.37**	-																
<i>Estilos Parentais Mãe</i>																						
7. Apoio e afeto	.64**	.53**	.55**	-.13**	-.05*	.05	-															
8. Regulação	.57**	.79**	.56**	-.04	.06**	.07**	.71**	-														
9. Cedência de autonomia e participação democrática	.54**	.53**	.76**	-.13**	-.10**	.03	.76**	.68**	-													
10. Coerção física	-.05*	-.02	-.08**	.79**	.43**	.28**	-.14**	-.04	-.15**	-												
11. Punição	-.04	.04	-.09**	.41**	.84**	.34**	-.11**	.02	-.16**	.51**	-											
12. Indulgência	.00	.04	.02	.23**	.32**	.86**	.02	.04	.01	.29**	.37**	-										
<i>Resiliência</i>																						
13. Perseverança	.23**	.22**	.24**	-.02	-.06**	-.02	.24**	.26**	.26**	-.02	-.05*	-.04	-									
14. Autoconfiança	.23**	.22**	.23**	-.02	-.02	-.03	.25**	.25**	.25**	-.03	-.02	-.05*	.70**	-								
15. Serenidade	.26**	.23**	.24**	-.04	-.06**	-.05*	.28**	.26**	.26**	-.04*	-.06**	-.07**	.68**	.70**	-							
16. Sentido de vida	.16**	.14**	.14**	.01	-.01	-.02	.19**	.18**	.18**	.01	-.00	-.02	.64**	.59**	.63**	-						
17. Autossuficiência	.16**	.14**	.17**	-.02	-.05*	-.07**	.14**	.15**	.18**	-.03	-.04	-.08**	.56**	.50**	.58**	.52**	-					
<i>Personalidade</i>																						
18. Neuroticismo	-.23**	-.20**	-.20**	.05	.08**	.06**	-.20**	-.20**	-.19**	.02	.06**	.07**	-.44**	-.31**	-.37**	-.41**	-.30**	-				
19. Extroversão	.21**	.23**	.17**	.02	.02	.04	.22**	.26**	.20**	.01	.03	.03	.53**	.43**	.45**	.41**	.27**	-.40**	-			
20. Abertura à experiência	.01	.05*	.05*	-.08**	-.05*	-.05*	.07**	.09**	.08**	-.10**	-.08**	-.08**	.03	.04	.00	-.10**	-.03	.08**	-.03	-		
21. Amabilidade	.14**	.14**	.15**	-.03	-.06	-.05*	.13**	.13**	.14**	-.05*	-.08**	-.07**	.13**	.16**	.22**	.09**	.11**	-.24**	.14**	.11**	-	

22. Conscienciosidade	.24**	.22**	.22**	-.07**	-.07**	-.10**	.28**	.26**	.25**	-.06**	-.06**	-.13**	.54**	.47**	.44**	.32**	.29**	-.30**	.47**	.00	.16**	-
M	3.62	3.44	3.54	1.25	1.88	1.93	4.05	3.66	3.75	1.29	1.93	2.05	5.27	5.38	5.52	5.06	5.20	2.70	3.76	2.99	3.42	3.84
SD	1.06	1.05	1.00	.49	.71	.69	.87	.93	.88	.51	.72	.70	.93	.76	.83	.91	1.08	.75	.68	.84	.65	.63

* $p < .05$; ** $p < .01$

Tabela 2.

Regressão múltipla hierárquica para a perseverança, autoconfiança, serenidade, sentido de vida e autossuficiência.

PERSEVERANÇA	<i>R</i> ²	<i>R</i> ² Change	B	SE	β	<i>t</i>	<i>p</i>
Bloco 1 Sexo (<i>dummy</i>)	.00	.00	-.04	.04	-.02	-1.22	.223
Bloco 2 – Idade (<i>dummy</i>)	.01	.01	.01	.03	.01	.37	.713
Bloco 3 – Estilos Parentais Mãe	.09	.08					
Cedência de autonomia e participação democrática			.11	.05	.10	2.20	.028
Bloco 4 – Estilos Parentais Pai	.10	.01					
Bloco 5 – Personalidade	.44	.34					
Neuroticismo			-.28	.03	-.22	-11.49	.000
Extroversão			.37	.03	.27	13.15	.000
Abertura à experiência			.07	.02	.06	3.39	.001
Conscienciosidade			.49	.03	.33	16.67	.000
AUTOCONFIANÇA							
Bloco 1 Sexo (<i>dummy</i>)	.00	.00	.06	.03	.04	1.94	.053
Bloco 2 – Idade (<i>dummy</i>)	.01	.01	-.05	.03	-.03	-1.62	.106
Bloco 3 – Estilos Parentais Mãe	.09	.08					
Bloco 4 – Estilos Parentais Pai	.10	.01					
Bloco 5 – Personalidade	.31	.21					
Neuroticismo			-.12	.02	-.12	-5.34	.000
Extroversão			.23	.03	.21	8.95	.000
Abertura à experiência			.04	.02	.04	2.09	.036
Conscienciosidade			.36	.03	.30	13.23	.000
SERENIDADE	<i>R</i> ²	<i>R</i> ² Change	B	SE	B	<i>t</i>	<i>p</i>
Bloco 1 Sexo (<i>dummy</i>)	.00	.00	.06	.03	.04	1.77	.078
Bloco 2 – Idade (<i>dummy</i>)	.01	.01	-.02	.03	-.01	-.66	.508
Bloco 3 – Estilos Parentais Mãe	.10	.09					
Apoio e Suporte			.08	.04	.08	1.93	.054
Bloco 4 – Estilos Parentais Pai	.11	.01					
Bloco 5 – Personalidade	.33	.22					
Neuroticismo			-.18	.02	-.16	-7.45	.000
Extroversão			.29	.03	.23	10.29	.000
Amabilidade			.12	.03	.09	4.76	.000
Conscienciosidade			.30	.03	.22	10.15	.000
SENTIDO DE VIDA	<i>R</i> ²	<i>R</i> ² Change	B	SE	B	<i>t</i>	<i>p</i>
Bloco 1 Sexo (<i>dummy</i>)	.02	.02	-.15	.04	-.08	-3.83	.000
Bloco 2 – Idade (<i>dummy</i>)	.02	.00	.07	.04	.04	1.80	.072
Bloco 3 – Estilos Parentais Mãe	.06	.05					
Bloco 4 – Estilos Parentais Pai	.07	.00					
Bloco 5 – Personalidade	.27	.20					
Neuroticismo			-.32	.03	-.27	-11.87	.000
Extroversão			.31	.03	.23	9.70	.000
Abertura à experiência			-.07	.02	-.07	-3.21	.001
Conscienciosidade			.18	.03	.12	5.40	.000
AUTOSSUFICIÊNCIA	<i>R</i> ²	<i>R</i> ² Change	B	SE	B	<i>t</i>	<i>p</i>
Bloco 1 Sexo (<i>dummy</i>)	.00	.00	-.07	.05	-.03	-1.41	.159
Bloco 2 – Idade (<i>dummy</i>)	.01	.00	-.01	.05	-.00	-.11	.912

Bloco 3 – Estilos Parentais Mãe	.05	.04					
Apoio e Suporte			-.15	.06	-.12	-2.49	.013
Cedência de autonomia e participação democrática			.16	.07	.13	2.28	.023
Bloco 4 – Estilos Parentais Pai	.05	.01					
Bloco 5 – Personalidade	.16	.10					
Neuroticismo			-.26	.04	-.18	-7.58	.000
Extroversão			.15	.04	.10	3.82	.000
Conscienciosidade			.28	.04	.17	6.69	.000

Nota. B, *SE* e β para um nível de significância de $p < .05$

Bloco1- Sexo; Bloco 2- Idade; Bloco 3- Dimensões dos estilos parentais da mãe; Bloco 4- Dimensões dos estilos parentais do pai; Bloco 5 – Dimensões da personalidade

Figura 1.

Efeito moderador da abertura à experiência na associação entre o estilo parental autoritário do pai e a resiliência

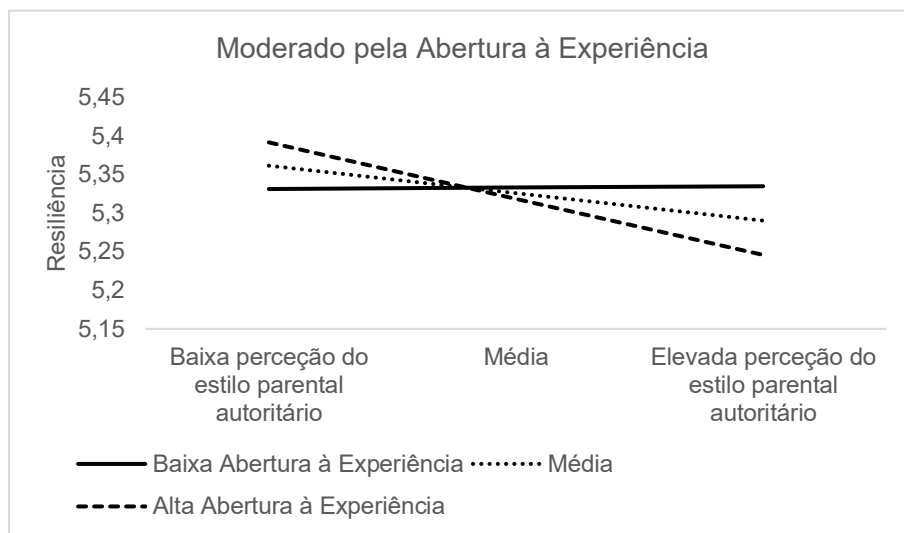


Figura 2.

Efeito moderador da conscienciosidade na associação entre o estilo parental permissivo do pai e a resiliência.

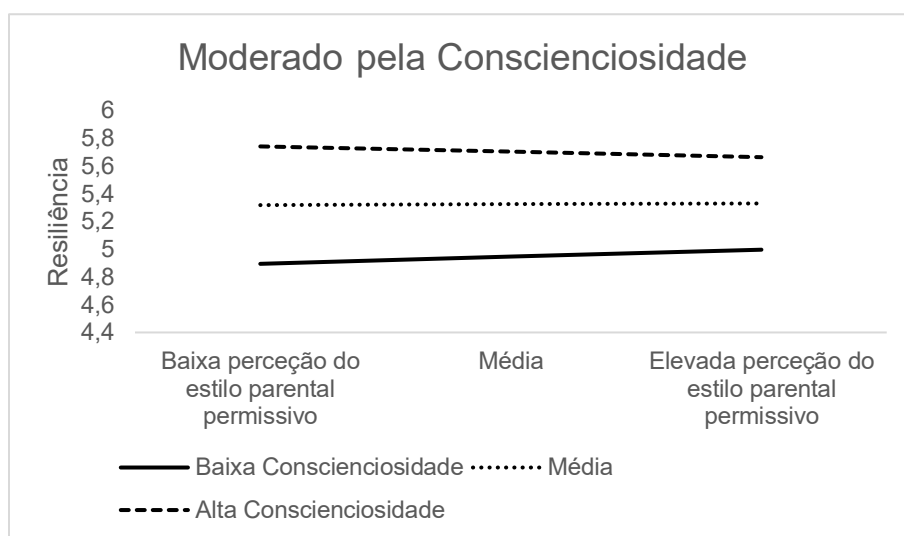


Figura 3.

Efeito moderador da conscienciosidade na associação entre o estilo parental permissivo da mãe e a resiliência.

